

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Varoveira
Prunus brasiliensis

volume

1

Varoveira

Prunus brasiliensis



Árvore (Colombo, PR)
Fotos: Vera L. Eifler



Casca externa e interna



Flores



Frutos
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho

Varoveira

Prunus brasiliensis

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a taxonomia de *Prunus brasiliensis* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Rosales

Família: Rosaceae

Espécie: *Prunus brasiliensis* (Chamisso & Schlechtendal) D. Dietrich, D. Dietr., Syn. 3: 43, 1843, emend., non Schott apud Spreng.).

Sinonímia botânica: *Cerasus brasiliensis* Cham. & Schl.; *Laurocerasus brasiliensis* M. Roem.; *Prunus sphaerocarpa* Hook.

Nomes vulgares no Brasil: alma-de-serra; amendoeira-brava, cerejeira-brava, coração-negro, coração-de-negro, marmeleiro-bravo, pessegueiro, sabiaeiro e viraru, no Estado de São Paulo; cerejeira e varova, no Paraná; cerejeira-do-brasil; coração-de-bugre; gingeira-brava, no Estado do Rio de Janeiro; marmeleiro, em Santa Catarina; marmelo-bravo, nos Estados do Rio de Janeiro e

de São Paulo; marmelo-do-mato; pêsego-bravo, no Paraná; pêsego-do-mato, no Espírito Santo; pessegueiro-d'água e saduva, em Minas Gerais; pessegueiro-bravo, no Paraná e no Rio Grande do Sul; pessegueiro-bravo, em Minas Gerais; pessegueiro-do-mato, em Minas Gerais, no Paraná, no Estado do Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Nomes vulgares no exterior: arachichú, na Argentina, rama negra, no Uruguai, e yva'ro, no Paraguai.

Etimologia: *Prunus* é o nome latino da ameixeira e da cerejeira; *brasiliensis* é o nome dado em homenagem ao país onde foi coletado o material *typus*, o Brasil.

Descrição

Forma biológica: árvore perenifólia, com 5 a 15 m de altura e 20 a 50 cm de DAP, podendo atingir até 25 m de altura e 80 cm de DAP, na idade adulta.

Tronco: cilíndrico, reto a levemente tortuoso. Fuste com até 12 m de comprimento.

Ramificação: cimosas, em forquilha. Copa grande, irregular, paucifoliada, com presença de lenticelas nos galhos.

Casca: com espessura de até 16 mm. A casca externa é cinza, áspera, com desprendimento pulverulento, podendo apresentar-se manchada por líquens (Ivanchechen, 1988). A casca interna é alaranjada, com oxidação rápida.

Folhas: simples, alternas ou alterno-espirladas, glabras, de bordo liso; limbo com 5 a 13 cm de comprimento e 2 a 4,5 cm de largura, normalmente brilhante, cartáceo, e de formato variando de elíptico a ovado, com base arredondada ou aguda e ápice acuminado.

Quando providas de glândulas, normalmente estas situam-se distantes da base e na face abaxial, arredondadas, uma de cada lado; nervuras adaxiais e abaxiais proeminentes e visíveis; pecíolo arroxeadado, com 7 a 20 mm de comprimento.

Quando maceradas, as folhas exalam odor característico dado pelo glicosídeo cianogênico (Rossi, 1994).

Características morfológicas e anatômicas das folhas dessa espécie podem ser encontradas em Paoli & Takebayashi (1987).

Flores: brancas, com 3 a 4 mm de comprimento, reunidas em inflorescências laxas do tipo racemos axilares solitários de 2 a 10 cm de comprimento, com até 20 flores.

Fruto: drupa globosa, quase esférica, sem mucron, lisa, indeiscente, com 6 a 10 mm de comprimento e 7 mm de largura, carnosa, de coloração roxo-escuro quando madura, lembrando uma cereja pequena.

Semente: única, com endocarpo globoso e largamente elipsóide, com ápice mucronado, apresentando uma sutura lateral que sai de um dos lados do mucron até a base, onde está situada uma cicatriz circular (1 mm), o hilo.

A semente da varoqueira é de cor bege-clara, creme-esverdeada ou amarelo-escuro, medindo 5 a 7 mm de diâmetro, de consistência córnea, apresentando superfície áspera, com nervuras reticuladas que saem da sutura lateral (Kuniyoshi, 1983).

Biologia Reprodutiva e Fenologia

Sistema sexual: planta hermafrodita.

Vetor de polinização: principalmente as abelhas (Fuks & Valente, 1981).

Floração: de agosto a fevereiro, no Estado de São Paulo; de setembro a outubro, no Rio Grande do Sul; de novembro a março, no Paraná e, de janeiro a fevereiro, no Estado do Rio de Janeiro.

Frutificação: os frutos amadurecem de janeiro a abril, no Rio Grande do Sul; de março a julho, no Paraná; de março a outubro, no Estado de São Paulo; de maio a agosto, no Estado do Rio de Janeiro e, de setembro a outubro, em Minas Gerais. O processo reprodutivo inicia a partir dos 2 anos de idade, em plantios.

Dispersão de frutos e sementes: zoocórica: mamíferos, notadamente o macaco-bugio ou guariba (*Alouatta fusca*) (Kuhlmann, 1975) e aves, principalmente o sabiá-laranjeira (*Turdus* sp.).

Ocorrência Natural

Latitude: 14°07' S em Goiás, a 31°30' S no Rio Grande do Sul.

Varição altitudinal: de 5 m no Paraná a 1.800 m de altitude, em Campos do Jordão, SP (Robim & Pfeifer, 1989).

Distribuição geográfica: *Prunus brasiliensis* ocorre de forma natural no nordeste da Argentina (Martinez-Crovetto, 1963), no leste do Paraguai (Lopez et al., 1987), e no Uruguai.

No Brasil, essa espécie ocorre nos seguintes Estados (Mapa 102).

- Bahia.
- Espírito Santo (Ruschi, 1950).
- Goiás (Munhoz & Proença, 1998).
- Mato Grosso do Sul.
- Minas Gerais (Peron, 1989; Vieira, 1990; Gavilanes et al., 1995; Carvalho et al., 1996; Meira Neto et al., 1998b; Rondon Neto et al., 1999).
- Paraná (Carvalho, 1980; Fuks & Valente, 1981; Rotta, 1981; Inoue et al., 1984; Silva, 1989; Cervi et al., 1990; Roderjan, 1990 e 1994; Silva et al., 1995; Nakajima et al., 1996; Soares-Silva et al., 1998; Souza, 1998; Uhlmann et al., 1998; Lacerda, 1999; Sonda et al., 1999; Ziller, 2000).
- Estado do Rio de Janeiro (Veloso, 1945; Rizzini, 1971; Fuks & Valente, 1981).
- Rio Grande do Sul (Rambo, 1949; Girardi & Porto, 1976; Aguiar et al., 1982; Jacques et al., 1982; Reitz et al., 1983; Jarenkow, 1985; Amaral, 1990; Tabarelli, 1992; Tabarelli et al., 1992; Thum, 1992; Jarenkow, 1994; Backes & Nardino, 1998; Caldeira et al., 1999; Vaccaro et al., 1999; Quatrini et al., 2000).

- Santa Catarina (Reitz et al., 1978; Negrelle & Silva, 1992; Reitz & Klein, 1996).
- Estado de São Paulo (Kuhlmann & Kuhn, 1947; Mainieri, 1967; Kuhlman, 1975; Baitello et al., 1978; Mainieri & Chimelo, 1989; Mantovani et al., 1989; Grombone et al., 1990; Toledo Filho et al., 1993; Kotchetkoff-Henriques & Joly, 1994; Rossi, 1994; Durigan & Leitão Filho, 1995; Torezan, 1995; Ivanauskas et al., 1997).

Ducke (1959) e Lima (1982) mencionam a presença de *Prunus sphaerocarpa* Sw., na flora da Serra de Baturité, no Ceará.

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: espécie secundária inicial (Durigan & Nogueira, 1990; Vaccaro et al., 1999) ou clímax exigente de luz (Rondon Neto et al., 1999).

Características sociológicas: a varoveira é uma espécie comum, encontrada na vegetação secundária. Apresenta regeneração natural boa (superior a 50%).

Regiões fitoecológicas: *Prunus brasiliensis* é encontrada, naturalmente, sobretudo na Floresta Ombrófila Mista Montana (Floresta com Araucária), onde ocupa o estrato intermediário da floresta, sendo, por vezes, bastante comum

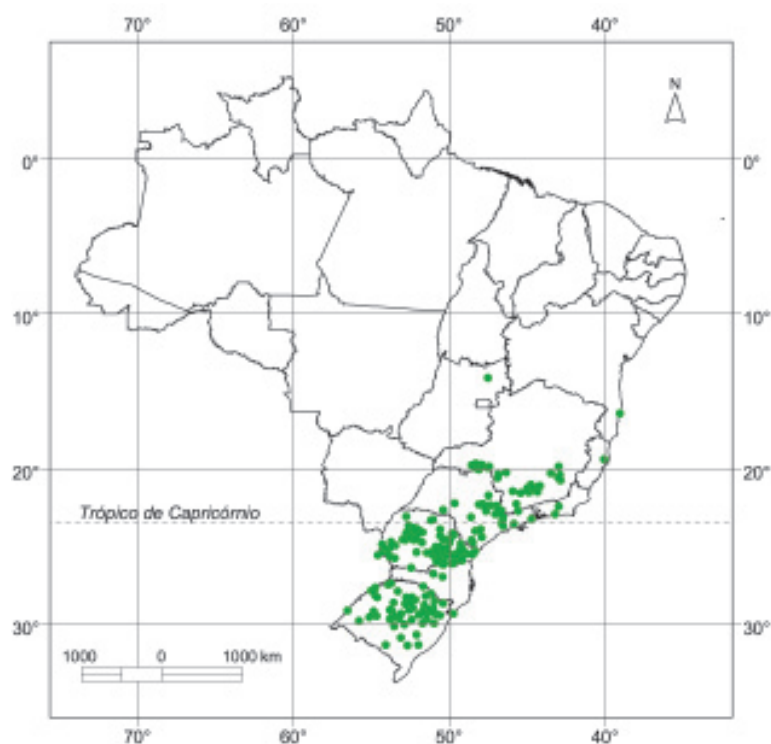
(Silva & Marconi, 1990); na Floresta Estacional Semidecidual Submontana (Carvalho et al., 1996), e na Floresta Estacional Decidual, na formação Baixo-Montana e Montana (Tabarelli, 1992; Vaccaro et al., 1999).

Em menor escala, ocorre na Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica), nas formações Alto-Montana/Montana, Montana e Submontana (Klein, 1979/1980; Roderjan, 1994); nos últimos remanescentes de savana (Cerrado) no Paraná (Uhlmann et al., 1998); nos campos rupestres ou de altitude em Minas Gerais (Peron, 1989), e na restinga.

Apesar dessa espécie ser típica de mata mesófila, sua estrutura foliar permite uma distribuição mais ampla, incluindo ambientes xéricos (Paoli & Takebayashi, 1987).

Densidade: em área inventariada na Selva Misionera, em Misiones, Argentina, essa espécie representou valores entre 6 a 22 exemplares por hectare (Martinez-Crovetto, 1963).

Em levantamentos fitossociológicos realizados em Minas Gerais e no Estado de São Paulo, na Floresta Estacional Semidecidual, foram encontradas entre 2 a 4 árvores por hectare (Vilela et al., 1994), e em área na Floresta Estacional Decidual, no noroeste do Rio Grande do Sul, foram encontrados 14 indivíduos por hectare (Vasconcelos et al., 1992).



Mapa 102. Locais identificados de ocorrência natural de varoveira (*Prunus brasiliensis*), no Brasil.

Clima

Precipitação pluvial média anual: desde 1.100 mm no Estado do Rio de Janeiro a 3.700 mm na Serra de Paranapiacaba, SP.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná), e periódicas, com chuvas concentradas no verão, nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula, na Região Sul; pequena (no inverno), no Planalto Norte do Paraná, e moderada (no inverno), com estação seca até 3 meses, no norte do Espírito Santo.

Temperatura média anual: 13,4°C (Campos do Jordão, SP) a 23,6°C (Linhares, ES).

Temperatura média do mês mais frio: 8,2°C (Campos do Jordão, SP) a 21,1°C (Porto Seguro, BA).

Temperatura média do mês mais quente: 19,9°C (Curitiba, PR) a 26,5°C (Rio de Janeiro, RJ).

Temperatura mínima absoluta: -10,4°C (Caçador, SC). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -15°C.

Número de geadas por ano: até 57 geadas nas Regiões Sul e Sudeste.

Tipos climáticos (Koeppen): temperado úmido (Cfb); subtropical úmido (Cfa); subtropical de altitude (Cwa e Cwb) e tropical (Aw e Af).

Solos

Prunus brasiliensis não tolera solo raso, pedregoso, hidromórfico ou de fertilidade química baixa. Em plantios experimentais, tem crescido melhor em solos com propriedades físicas adequadas, bem drenados e com textura que varia de franca a argilosa e de fertilidade química elevada.

Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser coletados quando começam a ser procurados por aves e mudam da cor verde para a preta.

Após a colheita, são colocados em recipientes com água, por 12 a 24 horas, para que a polpa amoleça. A seguir, são macerados sobre peneiras em água corrente, para se desprenderem da polpa carnosa.

Após a extração, as sementes são postas em peneiras em ambiente ventilado, para a secagem. Muitas sementes são encontradas debaixo das

árvores, totalmente livres da polpa carnosa; este beneficiamento natural é feito por formigas e por aves.

Número de sementes por quilo: 3.679 (Kuniyoshi, 1983) a 5.020 (Carvalho, 1978).

Tratamento para superação da dormência: não apresenta dormência. Todavia, a imersão em água fria por 24 a 48 horas, para embebição, acelera a germinação.

Longevidade e armazenamento: sementes de varoqueira com poder germinativo e teor de umidade iniciais de 65% e 35%, armazenadas em saco de plástico em câmara fria a 4°C e em ambiente, apresentaram, aos 90 dias, germinação de 27% e 0%, respectivamente (Bianchetti et al., 1991).

Contudo, amostra de outro lote de sementes, com poder germinativo inicial de 74%, armazenada em vidro fechado, em sala em laboratório e em câmara fria, aos 12 meses apresentou germinação de 34% e 46%, respectivamente (Carvalho, 1978).

A redução do poder germinativo — associada à diminuição do teor de umidade de semente — permite classificar a semente dessa espécie como de comportamento recalcitrante em relação ao armazenamento.

Germinação em laboratório: as melhores temperaturas para germinação estão entre 20°C e 26°C, nos substratos: areia, vermiculita n° 3, papel-toalha e papéis mata-borrão verde e branco (Ramos & Bianchetti, 1984).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear em sacos de polietileno de dimensões mínimas de 14 cm de altura e 6 cm de diâmetro (Sturion, 1980b), ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio. Quando do uso de sementeiras, a repicagem deve ser feita de 1 semana a 1 mês após a germinação.

Germinação: hipógea, com os cotilédones laterais ao eixo do epicótilo (Kuniyoshi, 1983), com início entre 15 a 75 dias após a semeadura. O poder germinativo é alto (até 95%), em média 80%. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 4 meses após a semeadura.

Cuidados especiais: observou-se, no viveiro da Embrapa Florestas, em Colombo, PR, em substrato com 5,1 m.eq./100cm³ de alumínio (Al), heterogeneidade entre as plântulas, atraso no crescimento e uma taxa acentuada de mortalidade no campo (Tabela 89).

Substrato com 1,5 m. eq de alumínio (Al) — em terra de mato — apresentou homogeneidade entre as plântulas, crescimento em altura superior e alta taxa de sobrevivência no campo (Tabela 89).

Recomenda-se cobrir os canteiros com palha de arroz e não usar telas do tipo sombrite (Sturion, 1980a).

Associação simbiótica: as raízes dessa espécie apresentam fungos micorrízicos arbusculares, em ocorrência natural com os fungos *Acaulospora* e *Glomus* (Gaiad & Mendes, 1986).

Recomenda-se inocular o solo do viveiro com solo coletado sob pessegueiros adultos.

No campo, mudas com esse tipo de substrato apresentaram crescimento e sobrevivência superiores (Tabela 89).

Características Silviculturais

A varoveira é uma espécie heliófila, que tolera sombreamento de intensidade leve na fase juvenil e é tolerante a baixas temperaturas.

Hábito: variável, desde crescimento monopodial até com bifurcações a partir de várias alturas e, em alguns casos, brotos ladrões e presença de galhos grossos e ramificação pesada.

A varoveira não apresenta desrama natural; necessita de poda periódica, de condução e dos galhos, para garantir aproveitamento comercial.

Métodos de regeneração: a varoveira pode ser plantada a pleno sol, em plantio puro, onde apresenta crescimento satisfatório, mas com heterogeneidade de crescimento em altura e forma, dentro e entre locais ou em plantio misto, associado com espécies pioneiras, para solucionar problemas de forma.

Brota da touça, após corte ou do colo e de várias alturas. Pode ser manejada pelo sistema de talhadia.

Tabela 91. Crescimento de *Prunus brasiliensis* em experimentos no Sul do Brasil.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	IMAv (a)	Classe de solo (b)
Campo Mourão, PR ¹	7	3 x 3	64,4	8,18	13,2	5,70	LVdf
Campo Mourão, PR ²	12	3 x 3	72,0	12,09	14,9	7,40	LVdf
Canta Galo, PR ³	4	3 x 3	36,5	3,75	4,9	...	LVd
Cianorte, PR ²	7	3 x 3	8,3	6,93	6,0	...	LVd
Colombo, PR(c) ²	8	7 x 1,5	26,4	4,08	CHa
Corupá, SC ²	2	4 x 3	25,0	2,24	CHa
Dois Vizinhos, PR ¹	10	2,5 x 2,5	80,5	11,84	14,0	11,75	LVdf
Dois Vizinhos, PR(d) ⁴	12	2,5 x 2,5	58,7	12,58	18,5	...	LVdf
Dona Ema, SC ²	3	4 x 3	80,0	3,48
Foz do Iguaçu, PR ⁵	9	3 x 3	55,2	10,58	14,7	6,10	LVdf
Irati, PR ⁵	5	2,5 x 2,5	25,0	4,66	4,5	...	LVd
Laranjeiras do Sul, PR ⁷	6	3 x 3	72,0	7,55	10,4	4,30	LVdf
Paranaguá, PR ²	6	3 x 2	14,2	9,70	12,0	...	CHa
Pinhão, PR ¹	10	2,5 x 2,5	80,0	10,58	16,5	14,45	LVdf
Ponta Grossa, PR ²	4	3 x 2	52,1	2,04	LVd
Quedas do Iguaçu, PR(e) ⁷	8	4 x 3	69,2	12,32	24,6	...	LVdf
Quedas do Iguaçu, PR(f) ⁷	8	4 x 3	23,0	11,86	25,5	...	LVdf
Santa Helena, PR(g) ⁵	9	3 x 2	49,2	12,97	15,6	11,30	LVef
Teixeira Soares, PR(c) ⁸	7	3 x 1	35,7	4,61	4,5	...	PVAd
Telêmaco Borba, PR ⁹	8	2 x 2	90,9	11,42	9,5	11,90	LVdf

(a) Incremento médio anual em volume sólido com casca ($m^3 \cdot ha^{-1} \cdot ano^{-1}$), calculado com valores médios de altura e de DAP.

(b) LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico; LVd = Latossolo Vermelho distrófico; CHa = Cambissolo Húmico aluminoso; PVAd = Argissolo Vermelho-Amarelo distrófico; LVef = Latossolo Vermelho eutroférrico.

(c) Abertura de faixas em capoeira alta e plantio em linha.

(d) Plantio misto: modelo de plantio misto denominado de "semicírculos em raios incompletos".

(e) Como substrato para o recipiente, foi usado solo coletado debaixo das árvores adultas, com baixo teor de alumínio.

(f) Como substrato para o recipiente, foi usado solo usual para o viveiro da Embrapa Florestas, com alto teor de alumínio.

(g) Plantio de comprovação, com 1.450 árvores plantadas.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: ¹ Silva & Torres, 1992.

² Embrapa Florestas.

³ Carvalho & Cardoso, 1984.

⁴ Silva & Torres, 1993.

⁵ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

⁶ Carvalho, 1981.

⁷ Embrapa Florestas / Araupel.

⁸ Carvalho, 1982.

⁹ Speltz, 1968.

Sistemas agroflorestais: deve-se evitar o uso dessa espécie como árvore de sombra em sistema silvipastoril, por ser tóxica ao gado.

Conservação de Recursos Genéticos

Silva et al. (1998) estudando a regeneração natural na Reserva Genética de Caçador, SC, sugerem esta espécie para conservação in situ.

Crescimento e Produção

A varoeira apresenta crescimento variável, de moderado a rápido (Tabela 89), com produção volumétrica de até 14,45 m³.ha⁻¹.ano⁻¹. Índices de sobrevivência abaixo de 50% – observados em vários locais da rede experimental da *Embrapa Florestas* – constituem um fator limitante para seu cultivo.

Características da Madeira

Massa específica aparente: a madeira da varoeira é moderadamente densa: 0,69 a 0,76 g.cm⁻³ com 12% de umidade (Paraná, 1979) e 0,76 a 0,92 g.cm⁻³ a 15% de umidade (Labate, 1975; Mainieri & Chimelo, 1989).

Cor: o alburno e o cerne são pouco diferenciados de coloração róseo-amarelado-claro, levemente rosado, com estrias longitudinais geralmente curtas e avermelhadas.

Características gerais: superfície lisa ao tato e lustrosa; textura fina; grã direita a irregular. Cheiro e gosto imperceptíveis.

Durabilidade natural: resistência moderada ao ataque de organismos xilófagos.

Preservação: madeira impermeável a pouco permeável às soluções preservantes, em tratamento sob pressão.

Trabalhabilidade: apresenta desdobro fácil e pode ser aplainada e lixada sem problemas. A superfície é lisa, com desenhos bonitos, mas prejudicada pela presença de orifícios de insetos e pelo aparecimento de inúmeras rachaduras durante a secagem (Paraná, 1979).

Outras Características

- Apresenta estrias esparsas e curtas com abundante óleo-resina proveniente dos canais secretores longitudinais; madeira com alta anisotropia de inchamento e contração tangencial alta.

- A descrição anatômica da madeira dessa espécie pode ser encontrada em Paraná (1979) e em Mainieri & Chimelo (1989).

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira de varoeira pode ser usada em construção civil, móveis inferiores, tacos e tábuas para assoalhos, artigos de esporte, acabamentos internos, cabos de ferramentas, vigamentos, lambris, laminados, dormentes de segunda categoria, folhas faqueadas decorativas e peças torneadas.

Energia: madeira com razoável poder energético.

Celulose e papel: espécie inadequada para este uso (Wasjutin, 1958).

Constituintes químicos: a casca apresenta saponina em pequena quantidade (Nakaoka & Silva, 1982).

Alimentação animal: a forragem da varoeira apresenta 12,5% de proteína bruta e 7% a 9% de tanino (Leme et al., 1994). Contudo, deve-se evitar o uso dessa espécie como forrageira, por ser tóxica ao gado.

Apícola: as flores dessa espécie são melíferas. No Estado de São Paulo, ela floresce em agosto, mês de escassez de floradas, sendo suas flores avidamente freqüentadas pelas abelhas (Kuhlmann & Kuhn, 1947), que são atraídas pelo néctar abundante que exsuda do nectário, um espessamento anular laranja-amarelado, situado na superfície da parede do receptáculo com mais ou menos 3 a 4 mm de comprimento, localizado abaixo da inserção dos estames.

Medicinal: a infusão das folhas e da casca da varoeira é calmante para tosses e acessos asmáticos. As sementes são consideradas venenosas.

Os índios de várias etnias do Paraná e de Santa Catarina usam as folhas e a casca do caule no tratamento de dor de dentes, dor de cabeça, febre e tosse (Marquesini, 1995).

Paisagístico: a espécie é recomendada principalmente para arborização nas margens das rodovias. Restrição ao seu uso: espécie considerada altamente cianogênica; a ingestão de folhas e de galhos causa morte rápida em bovinos e caprinos (Saad & Camargo, 1967).

Reflorestamento para recuperação ambiental: os frutos, quando maduros, são procurados pela avifauna, seus principais dispersores, principalmente pelo sabiá-laranjeira (*Turdus sp.*). São consumidos também pelo macaco-bugio (*Alouatta fusca*).

Na Região Metropolitana de Curitiba, PR, era comum a população de origem italiana, na época de frutificação da varoveira, ficar nas proximidades das árvores dessa espécie para caçar sabiás, atraídos pelos frutos maduros.

É que essa ave – apesar do protesto dos ambientalistas – é componente de um prato típico da colônia italiana (polenta com sabiá). A varoveira é também recomendada na arborização de represas e para restauração de mata ciliar em locais sem inundação.

Principais Pragas e Doenças

Pragas: entre as principais pragas, destacam-se:

- Larvas que danificam as sementes.
- Lagartas desfolhadoras que causam danos em plantios e na floresta natural.
- Besouros da família Scolytidae (Macedo, 1985).

Doenças: o aparecimento constante de folhas perfuradas, com orifícios de dimensões variáveis nas árvores adultas, é característica forte para identificação. Esses orifícios são originários de manchas fúngicas que quando se desprendem causam perfurações.

Espécies Afins

O gênero *Prunus* Linnaeus é cosmopolita, com cerca de 400 espécies distribuídas pela Europa, Ásia temperada e subtropical, e América temperada e tropical. Inclui a maior parte das espécies de rosáceas com frutos comestíveis.

As espécies de *Prunus* ocorrem nos neotrópicos, em florestas tropicais e semidecíduas do México, até a Argentina.

Essas espécies ainda estão mal definidas e só um estudo mais acurado — com amostras abrangendo toda a área de distribuição e análise dos *typus* — poderá delimitá-las melhor.

As sete espécies brasileiras, muito semelhantes entre si, foram designadas coletivamente como *P. sphaerocarpa* Sw. Posteriormente, Koehne discriminou-as devidamente (Rizzini, 1971).

Até hoje, essa semelhança causa graves problemas na identificação. Além de *P. brasiliensis*, são citadas para as Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil: *P. chamissoana* Koehne, *P. integrifolia* (Presl) Walpers, *P. myrtifolia* (L.) Urb, *P. sellowii* Koehne e *P. subcoriacea* (Chodat & Hassler) Koehne.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui